

Temporada 2021/2022 - Mundos

Teatro/Música

Sex, 21h00

Sáb, 19h00

Grande Auditório

M/16 anos

17 – 18
jun 2022

Teatro Praga I Metropolitana

A Sagração da Primavera



CCB

A Sagração da Primavera
Teatro Praga | Orquestra Sinfónica Metropolitana

Stravinsky **A Sagração da Primavera**
Pedro Neves **Maestro**

Coprodução **Centro Cultural de Belém e Teatro Municipal do Porto**
O Teatro Praga é uma estrutura associada d'O Espaço do Tempo,
Montemor o Novo

Conceção **André e. Teodósio, Cláudia Jardim, Diogo Bento**
e **J.M. Vieira Mendes**

Cocriação e interpretação **Ana Tang, André «Speedy» Garcia,**
Cláudia Jardim, David Mesquita, Diogo Bento, Guilherme Leal,
Maria João Vaz, Sani Dubois, Sandra Rosado, Tiago Vieira

Apoio à direção de movimento **Vânia Doutel Vaz**

Cenografia **Joana Sousa**

Figurinos **Joana Barrios**

Conceção da cenografia e figurinos da 3.^a parte **Adriana Proganó**

Desenho de luz **Daniel Worm D'Assumpção**

Desenho de som **Miguel Lucas Mendes**

Realização vídeo **André Godinho**

Animação 3D **S4RA**

Operação e edição vídeo **Tatiana Ramos**

Operação de câmara **Carolina Abreu e Bárbara Valido Mau**

Direção de produção **Marisa F. Falcón**

Produção executiva **Rita Pessoa**

Comunicação **Mafalda Miranda Jacinto**

Fotografia promocional **Carlos Pinto**

Fotografia de cena **Alípio Padilha**

Apoio **Fit to Fit, Unfuel Mobility Solutions**

Agradecimentos **Beatriz Carneiro, Carina Avelar, Catarina Sousa, Filipe**
Carneiro, Filipe Dominguez, Mata Hari, Mariana Sá Nogueira, Patrícia
da Silva, Paula Fonseca, Paulo Almeida, Pedro Faro, Pedro Penim,
Ricardo Costa, Rafael dos Santos, Vasco Araújo, Vau, Wagner Borges

A Sagração da Primavera

Um espetáculo **Teatro Praga** com a colaboração da **Orquestra Sinfónica Metropolitana**

Na sequência da trilogia *Shakespeare / Purcell* (apresentada entre 2010 e 2019), o Teatro Praga regressa aos palcos de grande dimensão, em parceria com a Orquestra Sinfónica Metropolitana, para apresentar *A Sagração da Primavera, ballet* com música de Stravinsky, originalmente coreografado por Nijinsky para os Ballets Russes. Entendendo-se esta obra como um marco na história das artes performativas, um *succès de scandale*, e tendo em conta o seu peso simbólico, *A Sagração da Primavera* do Teatro Praga segue a vontade de trazer história para o palco e entender como ela reverbera na contemporaneidade fazendo da despedida a celebração.

PORQUE NOS APETECE (carta ao público)

Justificar um espetáculo com uma vontade ou desejo é geralmente entendido como arrogância. Mas também há quem considere tratar-se de uma desculpa para esconder as verdadeiras causas. E quem interprete essa justificação como a ausência de discurso e vazio intelectual. Ou seja, o desejo tanto pode ser tudo como pode ser nada, dependendo do desejo de quem o interpreta. E nós desejamos não ser interpretadxs.

O grande prazer de ser esta família Praga é a de sempre termos tido a liberdade de fazer o que nos apetece. Juntar pessoas com quem queremos estar e pensar um espetáculo que poderia ser feito numa eira, no CENTA, o lugar em Vila Velha de Ródão, onde, há vinte anos, fizemos *Um mês no campo* enlatados num Twingo, sem moldura técnica, ao ar livre, sem história, sem formalismo, sem capitalismo afetivo, sem esquemas e sem deliberações. Era o que era.

Os tempos estão diferentes. A pandemia impôs mudanças aos regimes de apresentação de espetáculos (a nossa origem fluída passou a ser de novo possível, estar dentro de um teatro e na rua) e a saída do Pedro Penim, um dxs fundadorxs do Teatro Praga, e o mais antigo, e a entrada do Diogo Bento, desencadearam novas dinâmicas.

Esta *Sagração da Primavera* justifica as nossas vontades que são a vontade de continuar a ter vontade e de que esta vontade vire costas tanto às exigências do procedimento artístico na era contemporânea, como à hierarquia histórica das *Sagrações* mais aptas, significativas ou memoráveis. As versões que vão surgindo do «balé biológico» enfatizam à vez a violência, a sexualidade, o género, o primitivismo, o inumano, as quezílias entre indivíduo e sociedade, elite e povo, cosmopolita e rural, a guerra geracional, o exotismo, etc. Com a captura de muitos destes tópicos pela indústria cultural degradaram-se as condições para uma postura crítica no seio da criação.

Em resposta, pensámos um espetáculo que não conta a história de um ritual mas que é um ritual. Não é uma dança para morrer, como gesto figurativo, mas uma morte na dança, a negação da dança enquanto sistema representativo (de ideias, de vida, do que quer que seja). O nosso ritual é uma abertura ao que é tido como violento ou autodestrutivo, feio, assimétrico, não-natural, esquisito, contra a categoria, a ordem, o treino, a simetria, o reprodutível e por aí fora. O seu «sucesso» será o escândalo da inexistência, apropriando-se de todas as gramáticas que fazem o nosso desejo. Acumulámos ações e palavras, como gostamos de fazer nesta passagem pelo mundo em que tudo é teatro, e nunca as deixamos acabar, nem sequer começar. Lançamos-vos excertos, frases e gestos passíveis de serem lidos e usados nos esquemas que vos forem mais apetecíveis, tendo a esperança de que, em não receando o desconhecido, prefiram habitar connosco o irreconhecível. Aqui, público e arte desfazem-se e refazem-se, e podemos assistir ao desmantelamento do mundo.

A experiência das artes performativas é a da existência ubíqua e do desaparecimento da sua materialidade. A mitificada *Sagração*, esse poema feito de «posições plásticas» encadeadas, também desapareceu. E o desaparecimento permite a reinvenção e o abandono da essência, da tradição, do natural e da imparcialidade enquanto sistemas de conservação. A nossa *Sagração* ritual é um corpo de ideias, não é um guião anotado ou um sistema de notas. É mais bio do que biblio, é mais *ethos* do que *theo*, mais experiência de viver e menos moral como guia de vida.

Prometemos não ir a lado nenhum, como um veículo encalhado num palco, e asseguramos que não é preciso conhecer nada nem ninguém («Alguém se chama público?»). É só isto, é só estar. E nós estamos aqui. Este espetáculo marca a nossa estadia aqui. Criamos coisas que, por sua vez, criam um ambiente para podermos viver. Não temos nada na manga, nada atrás da parede, nada por baixo do palco. Está tudo à vista, a marcar presença, porque todas as presenças se devem marcar e nós desejamos marcá-las no desconhecido. É um dos nossos desejos. E não é melhor nem pior, é o que é. O ritual não se deixa encarcerar numa narrativa estável ou numa disciplina identitária, vai andando por onde apetece e encontra caminho, porque adoramos linóleos brancos, versões em branco de páginas em branco. Afinal de contas, tudo é uma versão de tudo, menos de nós. É o nosso desejo.

Aqui, arte é desejo. Porque nos apetece. E se assim quiserem, também será aí. Bem-vindxs ao vosso ritual, ao espaço que vos foi roubado. Esperamos que apreciem a liberdade. E se tiverem dificuldades, lembrem-se da eira, no CENTA, em Vila Velha de Ródão, aquele lugar que não conhecem e aonde nunca foram.

Teatro Praga

Quem escreveu esta horrível Sagração?

Com que direito lhe lançou a mão?

A azucrinar-nos os ouvidos até ao fim

Com zás pás trás e catrapum pam pim!

E para mais o nome: «Sagração da Primavera»?

A estação em que o som das aves reverbera

Com belas melodias cantadas pelas asas

E se escuta harmonia em todas as casas!

A pessoa responsável por este ofício

Era de entregá-la ao sacrifício.

[Poema anónimo publicado no *Boston Herald*, em 1924]



© Carlos Pinto

Notas de programa

Se recuarmos no tempo, até 1913, deparamo-nos com um panorama musical efervescente que incorporava novas formas de questionar e entender o Mundo. Nesse sentido, é emblemático o exemplo da partitura musical que Stravinsky escreveu para o bailado *A Sagração da Primavera*. Assumia uma postura despojada e desafiante, projetando-se muito além do entretenimento ou da afetação sentimental.

A estreia d'*A Sagração da Primavera* teve lugar no dia 29 de maio de 1913, em Paris. Mas a origem da sua criação remonta a três anos antes dessa data, altura em que Igor Stravinsky trabalhava n'*O Pássaro de Fogo*, a sua primeira colaboração com os Ballets Russes. A ideia de um novo projeto inspirava-se em contos populares russos e remetia para o universo místico de um pássaro com poderes sobrenaturais que se achava no centro de um enredo fantasioso, no qual havia maçãs de ouro, árvores de prata, castelos e prisioneiras libertadas. A ação desenrolar-se-ia em torno de um cerimonial religioso em que uma mulher dança intensamente... até cair morta. Tal «imagem» acabou por resultar na história da imolação de uma jovem que é sacrificada como oferenda a uma entidade divina, conforme um ritual primitivo de primavera invocativo de boas colheitas. Entretanto, o músico ocupou-se de escrever uma peça para piano e orquestra — essa mesma que resultou num outro bailado, *Petrushka*. Só no verão de 1911 começou, finalmente, a trabalhar nas suas «Imagens da Rússia Pagã», ou seja, *A Sagração da Primavera*.

Curiosamente, foi neste mesmo ano que visitou pela única vez o Festival de Bayreuth. Para si, a excessiva devoção que rodeava a figura de Richard Wagner era prejudicial à perceção da obra artística. Entendia que os espetáculos deveriam ser aceites ou rejeitados pelo público sem quaisquer preconceitos estéticos e prescindindo de ideias acessórias que substituíssem ou determinassem a fruição musical. Há pouco mais de um século, essa era uma postura francamente despojada e, por isso mesmo, provocadora.

A Sagração também o era. À repetição obstinada de acordes maciços e aos ritmos sincopados e imprevisíveis, juntava uma intensidade física e

emocional sem precedentes. Para lá disso, contrariava as dramaturgias convencionais da dança, aproximando-se de temáticas de pendor manifestamente abstrato. Estes fatores, à semelhança de outros de índole especificamente coreográfica, provocaram o rotundo fracasso da primeira apresentação, com direito a sarcasmos insultuosos e até a uma expressiva vaia. Acontece que aquele estilo musical nunca fora antes escutado e, por isso, não desafiava somente os ouvintes. Segundo o próprio compositor, o mesmo acontecia com os intérpretes, pois tratava-se de uma partitura extremamente exigente quer em termos técnicos quer expressivos. Décadas mais tarde, o compositor descreveu nas suas memórias a hostilidade com que a partitura tinha sido recebida. Para o fazer, contou o seguinte episódio. Quando terminou a Primeira Grande Guerra, foi recuperar os manuscritos originais para fazer uma revisão. Para seu espanto, reparou então que alguém tinha acrescentado a lápis, na parte de violino, a sílaba «Mas» ao nome «Sacre». Ficava assim: «Le (Mas)sacre de Printemps». Na época, seria este um dos comentários jocosos mais esclarecedores acerca da aversão que muitos sentiam por uma obra artística que, afinal, hoje o mundo todo celebra sem reservas.

Rui Campos Leitão

(...) A ideia de um novo projeto inspirava-se em contos populares russos e remetia para o universo místico de um pássaro com poderes sobrenaturais que se achava no centro de um enredo fantasioso, no qual havia maçãs de ouro, árvores de prata, castelos e prisioneiras libertadas. (...)

Teatro Praga

O Teatro Praga assume-se como um grupo ou federação de artistas, com brasão e história. Como a cada espetáculo, ou dia, é outra coisa, costuma responder à pergunta sobre quem é com uma reformulação da pergunta. Ainda assim, o Teatro Praga regozija-se com a ordem estabelecida e olha para as variações imprevisíveis a que se sujeita como um modo de alargar o conceito de previsibilidade.

O Teatro Praga nasceu em 1995 e está sediado na Rua das Gaivotas 6, em Lisboa.

Colabora regularmente com algumas das mais prestigiadas estruturas culturais em Portugal e tem-se apresentado em festivais e teatros de diversos países, nomeadamente Itália, Reino Unido, Espanha, Alemanha, França, Bélgica, Hungria, Eslovénia, Estónia, Dinamarca, Polónia, Israel e China.

O Teatro Praga é uma estrutura financiada pelo Governo de Portugal/Direção-Geral das Artes.

www.teatropraga.com

Orquestra Sinfónica Metropolitana

A Orquestra Sinfónica Metropolitana (OSM), espelho da singularidade do projeto artístico e pedagógico da Metropolitana, é constituída pelos músicos da Orquestra Metropolitana de Lisboa e por grande parte dos alunos da ANSO, ou seja, pela Orquestra Académica Metropolitana. Deste modo, os jovens músicos em fase final de formação têm a oportunidade de interpretar repertório de referência com maestros e solistas prestigiados, assim como partilharem estantes com os seus professores. Entre os maestros e solistas contam-se, entre muitos outros, os nomes de Michael Zilm, Emilio Pomàrico, Sequeira Costa, Rafael Oleg, Stephan Loges, Artur Pizarro e António Rosado. Desde 1995 até 2022, a OSM apresentou-se em mais de uma centena de concertos nas mais importantes salas de concerto do nosso país. Foram interpretadas sinfonias de Brahms em 1995 e 1996, a *Sinfonia do Novo Mundo* de Dvořák em 1997, a *Patética* de Tchaikovsky em 1999, a *2.ª Sinfonia* de Rachmaninov em 2000, *Assim falou Zaratustra* e *Macbeth* de Richard Strauss em 2001, a sinfonia *À Pátria* de Vianna da

Motta em 2003, a *Scheherazade* de Rimsky-Korsakov em 2005 e, desde então, a *Sinfonia Fantástica* de Berlioz, as 10.^a e 12.^a sinfonias de Schostakovich, as 1.^a, 3.^a, 4.^a, 5.^a e 9.^a sinfonias de Mahler, as 4.^a, 5.^a e 8.^a de Bruckner, o *Bolero* de Ravel, *La mer* de Debussy, *Carmina Burana* de Orff, a *Missa solemnis* de Beethoven e a *Sinfonia Dante* de Liszt.

Pedro Neves

Maestro

Pedro Neves é atualmente diretor artístico e maestro titular da Orquestra Metropolitana de Lisboa. Paralelamente, desempenha as funções de maestro titular da Orquestra Clássica de Espinho. Foi maestro titular da Orquestra do Algarve entre 2011 e 2013, e posteriormente, maestro associado da Orquestra Gulbenkian, entre 2013 e 2018. É convidado regularmente para dirigir a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Orquestra Filarmonia das Beiras, a Orquestra Clássica do Sul, a Orquestra Clássica da Madeira, a Orquestra Sinfónica do Estado

de São Paulo, a Orquestra Sinfónica de Porto Alegre, a Orquestra Filarmónica do Luxemburgo e a Real Filarmonia da Galiza. No âmbito da música contemporânea, tem colaborado com o Sond'Ar-te Electric Ensemble, com o qual realizou estreias de vários compositores portugueses e estrangeiros, realizando digressões pela Coreia do Sul e Japão.

Também colabora com o Remix Ensemble Casa da Música, o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e o Síntese Grupo de Música Contemporânea. É fundador da Camerata Alma Mater, agrupamento dedicado à interpretação de repertório para orquestra de cordas e com a qual tem recebido uma elogiosa aceitação por parte do público e da crítica especializada.

Pedro Neves iniciou os seus estudos musicais em Águeda, sua terra natal. Estudou violoncelo com Isabel Boiça, Paulo Gaio Lima e Marçal Cervera; respetivamente, no Conservatório de Música de Aveiro, na Academia Nacional Superior de Orquestra (Lisboa) e na Escuela de Música Juan Pedro Carrero (Barcelona), com o apoio da Fundação Gulbenkian. No que respeita à Direção de Orquestra, estudou com Jean-

-Marc Burfin, obtendo o grau de Licenciatura na Academia Nacional Superior de Orquestra, com Emilio Pomàrico, em Milão, e com Michael Zilm, de quem foi assistente. O resultado deste

seu percurso faz com que a sua personalidade artística seja marcada pela profundidade, coerência e seriedade da interpretação musical.

JÁ A SEGUIR, EM JUNHO: **HOTSPOT: SOLOS INTERNACIONAIS DE DANÇA**

Jefta van Dinther e Marlene Monteiro Freitas não são principiantes, mas é na constante reinvenção das suas linguagens que residem as suas maiores virtudes. Nesta segunda edição do ciclo *HOTSPOT*, navegamos entre coreógrafos da mesma geração que têm influenciado de uma forma marcante a paisagem da dança internacional na última década. Corpos autênticos que nos levam por mantras repetitivos em diálogo com uma matriz terrena, arcaica e fundadora.

24 e 25 jun
Cullberg/Jefta van Dinther
On Earth I'm Done: Mountains
Sex, 21h00
Sáb, 19h00
Palco do Grande Auditório

25 e 26 jun
Marlene Monteiro Freitas
Guintche
Sáb, 21h00
Dom, 19h00
Pequeno Auditório

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2021/2022



APOIO MEDIA



PROJETO CCB - CIDADE DIGITAL COFINANCIADO POR

